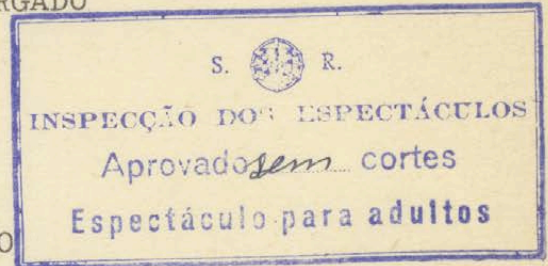
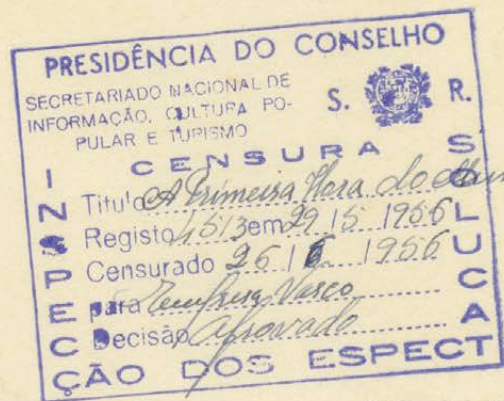


EMPRESA VASCO MORGADO



A PRIMEIRA HORA DO MUNDO

Comédia dramática em 3 actos



Original

Armando Vieira Pinto

Lisboa

I¹/()

1956

*Contem 89 paginas
foram aprovadas pela
Comissão de Censura
em 26/6/1956
Gomes*

PRIMEIRO ACTO

O clássico apartamento independente com porta para a escada. Prédio de construção barata, desleixada. Janela sobre o casario dinzento e sujo dum bairro pobre. Arco para uma alcôva interior, da qual se descobre a cama e o lavatório de ferro, já velho, mil vezes pintado e repintado a esmalte, o inevitável biombo de cretone, toda a triste e sódida intimidade habitual. Os móveis são desirmanados e sem estilo: uma mesa redonda, uma cómoda e um guarda-fatos, ambos com espelho, uma espécie de armário de canto. Próximo da janela há um divã baixo, forrado, como o biombo da alcôva, de cretone ramalhudo. Ao lado, uma cadeira com um pequeno receptor de T.S.F. do qual brota uma triste e deprimente melodia, monotona e arrastada. O piano é solista. Do conjunto evola-se uma desoladora sensação de instável, de proviósio. Ali, pode pernoiter-se. Viver- não!

São cinco horas duma tarde do fim do verão. Deitado no divã, JULIO preguiça, Andará pelos trinta anos, este Julio. É moreno e alto, nobitão. Nos seus gestos e movimentos há graciosidade fácil e elástica dum gato displicente. É o tipo acabado do homem pelo qual as mulheres costumam ser gulosas. Está deitado de costas, em mangas de camisa, com o colarinho desabotoado e sem gravata. Um dos braços, dobrado debaixo da nuca, serve-lhe de encosto à cabeça. O outro pende ao lado do divã. Tem entre os dedos um cigarro que fuma. Com os joelhos ao alto e as pernas cruzadas, baloiça levemente a de cima, entretendo-se a equilibrar na ponta do pé o sapato preto e branco, afiambrado. Assobia baixinho, acompanhando a melodia.

Assim decorre um tempo, suficientemente longo para marcar bem a sensação de vida estagnada sugerida pela atitude preguiçosa de JULIO. Depois, a porta abre-se. ALEGRIA mete a cabeça, olha para um lado e entra, sem ruído. É uma rapariga terrivelmente apetitosa, esta Alegria. Vinte e cinco anos amadurecidos, em plena pujança. Veste um fato de sêda côr-de-vinho, que lhe deixa nús os ombros torneados e cheios, dum moreno doirado de fruta sumarenta. A sua voz é rouca e quente, cheia, com prometedoras asperesas. Há um dengue de creouã nos seus gestos lentos e harmoniosos. As suas ancas redondas ondulam maciamente, no andar. Um belo animal saudável e ávido.

ALEGRIA entrou, e pelo simples facto da sua presença, o vazio triste do apartamento píffio creou um sentido novo e profundo, cálidamente humano. Ela não tomou qualquer atitude, não pronunciou um simples palavra. Apenas entrou e sorriu. Muito devagar, como se não andasse mas sómente deslizasse, vái encostar-se na borda da mesa redonda, a fitar JULIO e a sorrir. A olhá-lo fixamente, e a sorrir. Mais nada. E de novo decorrem uns momentos, magnificamente cheios de vida na sua ausência de movimento e de palavras.

Agora, sempre fitando Julio e sempre sorrindo, ALGERIA tira um cigarro da mala, acende-o, aspira uma fumaça, com delicia. Devagar, sem que o sorriso se lhe apague dos olhos e dos lábios, aproxima-se de Julio. Af, ostensivamente, deliberadamente, rola o cigarro entre os lábios para o molhar bem, faz o mesmo ao de Julio na boca dela, e troca-os. E sempre sorrindo, interroga a meia voz, terrivelmente provocadora:

ALEGRIA

Bom ?...

JULIO

Sabe a groselha...

ALEGRIA

Este, sabe a homem.

JULIO

Bom?...

ALEGRIA

Bom. (afasta-se lentamente, vem encostar-se junto da janela, fumando, a olhar para fora. Sem se voltar, interroga de novo:) A Maria ?

JULIO

Foi ao andar de baixo, à modista...

ALEGRIA

Ainda lhe d'eo crédito ?

JULIO

Se calhar...

ALEGRIA

Há gente para tudo...

JULIO

Há...

ALGERIA

Voltando-se para ele, num leve rodar do busto) Ela vendeu ontem um anel ao Isaac...

JULIO

Vendeu.

ALEGRIA

Era o último...

JULIO

Era.

ALEGRIA

E agora ?

JULIO

Agora, o quê ?

ALEGRIA

Que vais fazer à tua vida?

JULIO

Vivê-la, naturalmente...

ALEGRIA

Como ?...

JULIO

Sei lá...

ALEGRIA

Vai sendo tempo de saberes...

JULIO

Viver, nunca me custou muito...

ALEGRIA

Fia-te na Virgem...

JULIO

Na Virgem, não. Nas outras...Até hoje, nunca falhou.

ALEGRIA

Lá espertinho és tu!...

JULIO

Nem por isso! Vocês é que são trouxas...

ALEGRIA

Bastante...

JULIO

Muito. Mais'do que a conta...

ALEGRIA

Vai daí, aproveitas...

JULIO

Limpinho!

ALEGRIA

Sentes mole, carregas...

JULIO

Ali, na batata! (Riem-se ambos, num riso frio. Depois, Alegria desliga o receptor e vai deante do espelho alizar as sobancelhas. Continua como se falasse por falar, sem o menor interesse pelo que diz.

ALEGRIA

Pois eu se fôsse a ti, abria os olhos e punha-me a pau. Anda tudo por aí à cóca, à espera da tua desgraça...

JULIO

Calculo...

ALGERIA

Se te apanho na mó de baixo, já sabes! Atiram-te que nem a cão danado!...

JULIO

Natural...

ALGERIA

Fala-se de ti e da Maria por toda a parte...

JULIO

Irónico) Sim?...

ALEGRIA

E goza-se...à brava!

JULIO

Mesmo jogo) Não me digas!...

Sem se levantar, calça o sapato que tinha suspenso na ponta do pé.
ALEGRIA vem sentar-se no divã e aparta-lho, enquanto vai falando.

ALEGRIA

Que deste o que tinhas a dar! Que tens as horas contadas! Que estás tramado! Que o remédio que tens, é trabalhar! (Ri) Ouviste? Trabalhar!

JULIO

Levanta-se e espreguiça-se longamente) Não posso. O meu pai trabalhou toda a vida. Eu nasci cansado...

ALEGRIA

Aproximando-se dele, com veemente sinceridade) Nem precisas, Julio! Livra-te da Maria, arranjar outra que te ajude a sério, pregar uma lição a essa malta, uma lição têsá, que não esqueça tão cedo, - isso, sim! É do que tu precisas...

JULIO

Sempre a mesma ironia gelada) Achas ?

ALEGRIA

Insinuante) Acho, Julio! Largar a Maria e arranjar quem te queira bem. Quem te queira bem...e possa!

JULIO

Vago) É...

ALGERIA

tentando picar-lhe o amor próprio) Ainda ontem á noite, no "Paraiso", o Chico poz tudo de mãos na barriga à tua custa...

JULIO

Superior) Poz ?...

ALEGRIA

Fez um discurso de chuchadeira a teu respeito...Um destes discursos